

RESENHA: A HUMANIDADE DE MICHEL DE MONTAIGNE: UMA LIÇÃO PARA TODAS AS ÉPOCAS

Guacira Marcondes MACHADO*

BAKEWELL, S. **Como viver ou uma biografia de Montaigne em uma pergunta e vinte tentativas de resposta.** Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2012.

Como viver, ou uma biografia de Montaigne em uma pergunta e vinte tentativas de resposta é um longo ensaio de Sarah Bakewell, professora de escrita criativa na City University que também cataloga coleções de livros raros para o *National Trust*. Publicado em 2010, foi traduzido por Clóvis Marques em 2012 para a Editora Objetiva do Rio de Janeiro. A autora toma a obra de Michel de Montaigne (1533-1592) como a da primeira pessoa que escreveu sobre si próprio “[...] para criar um espelho no qual outras pessoas reconheçam a própria humanidade.” (BAKEWELL, 2012, p.12). Seus 107 *Ensaio*s, que têm extensão diversa, em edições recentes, preenchem mais de mil páginas. Eles são o resultado de anotações de Montaigne ao captar ideias que lhe passassem pela cabeça, sobre encontros, estados de espírito, à medida que se apresentavam. Como muitos de seus contemporâneos do século XVI, estava interessado na questão: “Como viver?”. Bakewell observa que Montaigne se interessava por dilemas morais, mas estava menos preocupado com o que as pessoas deviam fazer do que com o que efetivamente faziam. Para isso, passou a ler e escrever sobre todas as vidas humanas, do passado e do presente, pois “queria saber como viver bem a vida - ou seja, como levar uma vida correta e honesta, mas também plenamente humana, satisfatória e frutífera” (BAKEWELL, 2012, p.13).

¹ UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara – Departamento de Letras Modernas. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 – guacira@fclar.unesp.br

A pergunta “Como viver” e outras secundárias aplicavam-se tanto às grandes perplexidades da existência quanto a enigmas menores, e, ao invés de dar respostas abstratas, Montaigne diz o que ele fazia e como se sentia ao fazê-lo. Com isso, ao longo de vinte anos, construiu um retrato de si mesmo, um autorretrato em constante movimento, que se alterou com o passar do tempo, de modo que, após mais de quatrocentos anos, ao lê-lo, vivenciamos uma série de choques de familiaridade que fazem desaparecer os séculos entre ele e os leitores atuais. Dessa maneira, como quer Bakewell, pode ser considerado o mais humano e sociável dos escritores, pois recorreu ao material de sua própria vida e não à pura filosofia, nem à invenção para escrever sua obra. Através dos séculos, ele foi lido, admirado, criticado, por grandes figuras filosóficas e literárias, e isso pelo fato admirável de que um novo *Os Ensaíos* é gerado a cada nova leitura, pois os leitores o abordam de sua perspectiva pessoal, trazendo sua própria experiência de vida, ao fazê-lo.

Assim, *Os Ensaíos* é uma conversa mult centenária, sem direção determinada. Seguindo-a de perto, a obra de Bakewell fala inicialmente sobre a vida, a personalidade, a carreira literária e pública de Montaigne, e, mais tarde, sobre o livro e seus leitores. Ela diz que tratará de tudo isso partindo da recomendação de Flaubert a um amigo – “leia-o para viver” – e da pergunta renascentista “Como viver”, que terá vinte tentativas de resposta para compor os capítulos do livro.

No primeiro capítulo – “Não se preocupe com a morte” – a autora diz que Montaigne encontra uma resposta que vai de encontro a seus modelos clássicos e questiona o ideal cristão dominante na época. Por volta de 1569, após viver uma experiência que o deixou bem perto da morte, ele descobriu que morrer é um devaneio sem sentido, e que não há como se preparar para ela. Semanas e meses de reflexão sobre o acontecido, e de tentativas de conciliá-lo com suas leituras filosóficas, levaram-no a descobrir que morrer é fluir, deixar-se ir. Isso o fez perder boa parte do medo da morte, e adquirir nova consciência de que sua vida pessoal era tema interessante de investigação e o levaria a senti-la integralmente.

No segundo capítulo, “Preste atenção”, Bakewell lembra que Montaigne começou a escrever por volta de 1572, e após alguns capítulos, ao abordar o acidente em que quase foi morto, tentou um novo tipo de escrita, ao recriar a sequência de sensações que experimentou, momento a momento. Lembramos aqui que, dois séculos mais tarde, Rousseau, leitor de Montaigne, seguiu de perto esses procedimentos na Segunda Caminhada de seus *Devaneios*. Mas, antes disso, o autor quinhentista teve mudanças importantes em sua vida. No início de 1570, ele vendeu sua magistratura do Parlamento de Bordeaux e aposentou-se da vida

urbana, passando apenas a gerenciar suas propriedades rurais e a escrever em sua biblioteca, situada em uma torre de seu castelo, que ele preparou, dispondo nela cerca de mil livros, objetos de valor histórico, relíquias de família e artefatos dos índios da América do Sul: “Devemos nos desvencilhar de todos os vínculos que nos prendem aos outros; tratemos de conquistar de nós mesmos a força de viver realmente sozinhos e de viver dessa maneira confortavelmente”. A crise existencial que enfrentou o lançou na melancolia, e sua mente foi tomada por “*fantaisies*” ou “*rêveries*”, como diziam na época, as quais, no entanto, lhe deram a ideia de escrever, para registrar e examinar de perto a estranheza das quimeras e monstros fantásticos que a preenchiam. Nasce, assim, o primeiro *Os Ensaíos*, composto de trechos e citações dos grandes autores clássicos, histórias ouvidas de amigos, incidentes de sua vida na propriedade, casos de que se lembrava de sua atuação na justiça, curiosidades presenciadas em suas raras viagens. Seguindo o conselho de Plutarco e de Sêneca, prestava atenção a tudo que se passava a sua volta, olhando o mundo mais de perto, e registrando sua instabilidade para escrever sobre suas sensações íntimas e o convívio social.

No terceiro capítulo, “Trate de nascer”, Bakewell traça a genealogia de Montaigne, que não descendia da velha aristocracia mas de várias gerações de comerciantes que haviam ascendido socialmente e comprado sua propriedade em 1477. Foi apenas na geração de Michel Eyquem Montaigne que ganhou o título de nobreza, na Guyenne (ou Aquitânia), que vivia em tensão com a coroa mesmo antes da Reforma, pois pertencera à Inglaterra até 1451, quando os ingleses foram expulsos pelos franceses do norte, que não tinham a confiança dos habitantes, o que explicava as constantes rebeliões na região. O pai de Michel, Pierre, participou das guerras na Itália e, depois, cuidou de sua propriedade. Como o filho, mais tarde, sofria de ataques de pedras nos rins, o que muito os fez sofrer. Pierre amava os livros e tudo o que era brilhante e italianizante, como sua geração, que cobria os filhos de literatura, história e os fazia desenvolver pensamento crítico e girar em torno das filosofias clássicas. Já a geração de Michel era descrente e amargurada, pois os princípios renascentistas de beleza, equilíbrio, clareza e inteligência transformaram-se em violência, crueldade e teologia extremada com as guerras de religião na França. Observa Bakewell que, embora trouxesse em si certa tendência anti-intelectual, o jovem distanciava-se dos nobres medievais com seu jeito de dizer “embora não tenha certeza” em seus ensaios e experimentos, revelando os ideais do pai mas mais abrandados e desprovidos de qualquer certeza. Esse era um traço da família, famosa por sua liberdade e ausência de sectarismos. Com a morte de dois irmãos, Michel tornou-

se o filho mais velho e foi objeto de uma experiência pedagógica praticamente inédita: logo após o nascimento foi instalado na casa de uma família modesta numa aldeia próxima, na qual tinha sua ama de leite e absorvia o modo de vida das pessoas com as quais teria que lidar mais tarde quando se tornasse um *seigneur*. Isso explicaria, pensa Bakewell, o fato de nunca ter ficado tão ligado aos parentes de sangue, sobretudo à mãe, embora sempre tenha aprovado essa experiência e a recomendasse a seus leitores, mais tarde. Voltando ao lar, passou do dialeto do Périgord ao latim de um tutor que o pai lhe arranhou, língua que aprendeu a falar com fluência como convinha à melhor educação, e que lhe abria não apenas as portas do mundo antigo como do moderno, no qual a maioria dos eruditos continuava escrevendo em latim, essencial para o direito e o serviço público. Só em 1539 Michel foi enviado ao Collège de Guyenne em Bordeaux. A naturalidade com que foi educado incluiu a ausência de castigos corporais e a utilização de um instrumento musical para despertá-lo pela manhã quando criança, o que, diz Bakewell, teve efeitos duradouros em sua personalidade.

No quarto capítulo, “Leia muito, esqueça quase tudo que lê e raciocine com lentidão”, a autora conta que a descoberta das *Metamorfoses* de Ovídio na escola, que leu por conta própria, mudou a vida do jovem Michel, com histórias que alimentaram sua imaginação. Além dele, dava preferência a Virgílio, a histórias da vida real, tiradas de historiadores e biógrafos, como Tácito e Plutarco, pois era neles, como dizia, que podia encontrar a natureza humana em toda sua complexidade. Por outro lado, Montaigne sempre falou de sua falha de memória, o que ia frontalmente de encontro ao ideal renascentista. Em sua própria avaliação, era lento mentalmente, tinha imaginação fraca, “compreensão vagarosa”, o que via como um caminho para a sabedoria, a moderação, que servia de proteção aos excessos e ao fanatismo de sua época.

O quinto capítulo intitula-se “Sobreviva ao amor e às perdas”, e nele Bakewell discorre sobre as relações entre Montaigne e Étienne de La Boétie, um colega do parlamento de Bordeaux, cerca de três anos mais velho, que veio a conhecer, fazendo dele seu grande amigo no final da década de 1550, após ter lido seu manuscrito polêmico sobre “Da servidão voluntária”. La Boétie era inteligente, afetuoso e já casado quando se conheceram, ocupando posto mais elevado que o de Michel no Parlamento, onde atraía atenção e inspirava respeito, o que é surpreendente hoje, quando só é conhecido porque foi o grande amigo de Montaigne. Sobre a amizade dos dois muito se discorreu, pois referiam-se um ao outro como dois adolescentes apaixonados, o que, segundo Bakewell, não era incomum no Renascimento, que foi um período em que a ideia de

homossexualidade era encarada com horror. Para a autora, os jovens eram apaixonados por um elevado ideal de amizade que encontravam nas literaturas grega e latina. No Renascimento, como no período clássico, esperava-se que as amizades fossem escolhidas à luz clara e racional do dia, daí terem valor filosófico.

La Boétie tinha 16 anos quando escreveu seu tratado político, cujo tema é a facilidade com que os tiranos têm dominado as massas ao longo da história, muito embora seu poder evaporasse instantaneamente se tais massas retirassem seu apoio, sem necessidade de revolução. La Boétie considera que o povo se apaixona pelos tiranos e entrega sua vontade à deles. As reflexões posteriores de Montaigne sobre a força do hábito, tema-chave de seus ensaios, e a ideia de que historiadores e biógrafos podem levar à liberdade, certamente encontram ressonância na obra do amigo. Para Bakewell, La Boétie não via seu tratado como brado revolucionário e teria ficado horrorizado se o tivesse visto servir como panfleto aos protestantes radicais que convocavam à rebelião contra o monarca francês. Ele morreu em 1563, aos 33 anos, de peste, após longo sofrimento, presenciado e compartilhado pelo amigo que, mais tarde descreveu tudo em seus *Ensaio*s, onde incluiu também seu tratado, como meio de superar sua perda e de fazê-lo continuar vivo diante dele.

No sexto e no sétimo capítulos, “Recorra a pequenos truques” e “Questione tudo”, Bakewell conta que, ao mesmo tempo em que demonstrava desdém pelos filósofos acadêmicos, Montaigne tinha eterno fascínio pela tradição filosófica das grandes escolas pragmáticas dos clássicos, para as quais se voltava em épocas de dor ou medo, e para lidar com pequenos problemas do dia a dia. Por serem próximos em sua essência, o epicurismo, o estoicismo e o ceticismo eram misturados constantemente, e Montaigne não fugiu à regra, como demonstra a autora, misturando-os e combinando-os de acordo com suas necessidades. O objetivo dessas escolas era alcançar a “felicidade”, “alegria”, o “desabrochar humano”, trazendo seu desenvolvimento, desfrutando a vida, sendo uma boa pessoa, e para alcançar tudo isso, o melhor caminho passava pela *ataraxia*, isto é, a “imperturbabilidade” ou “estar livre da ansiedade”. Nesse sentido, o ceticismo pirrônico (de Pirro, morto em 275 a.C.) parece algo mais limitado, mas ele era encarado de maneira diferente no mundo clássico e no Renascimento, quando era considerado uma forma de terapia. Foi desenvolvido no segundo século de nossa era por Sexto Empírico, e, para Montaigne, foi importante para seu desejo de encarar tudo de maneira transitória e questionadora, o que se pode ver no emprego que faz de vocábulos e expressões como “talvez”, “em certa medida”, “eu acho”, “parece-me” entre outros, que, segundo ele, “abrandam e moderam

a dureza de nossas afirmações”, e que traduzem o pensamento do quinhentista em seu estado mais puro. A Igreja via no pirronismo um aliado porque atacava a arrogância humana e era um antídoto valioso contra as heresias. Montaigne deixava claro reconhecer o direito da Igreja de governá-lo em questões religiosas, talvez, aventa Blakewell, para impedir que seus livros fossem queimados, pois dava poucos sinais de real interesse pela religião. Era adotado pelos ortodoxos como devoto e sábio cético, autor de um livro ao mesmo tempo consolador e de aprimoramento moral. Surpreendente, pois, que no século seguinte fosse evitado com horror e seu livro tenha sido incluído no *Índex de Livros Proibidos*, onde permaneceu por quase 180 anos. Isso porque ele usava histórias de animais para solapar a vaidade humana e mostrar que as capacidades dos homens não são excepcionais, pois os animais fazem muitas coisas melhor do que eles. O século XVII achou essa imagem degradante e, não, um convite à humildade, pois a ideia da falibilidade humana era algo a combater. Montaigne passa, então, a ser encarado como impostor subversivo, sobretudo por René Descartes e Blaise Pascal. Um século mais tarde, no entanto, Voltaire, que não gostava de Pascal, veio em defesa do que ele chamou “sublime misantropo”. E Bakewell enumera pensadores e filósofos, como Malebranche, La Bruyère, La Fontaine, La Rochefoucauld, os libertinos e, mais próximo de nós, Nietzsche que se debruçaram sobre a obra de Montaigne.

Nos dois capítulos seguintes, que ostentam títulos um tanto contraditórios, “Tenha um compartimento privado nos fundos da loja” e “Seja sociável: viva com os outros”, Bakewell examina aspectos da vida em família e da vida de cidadão que teve Montaigne. Na década de 1560, ele traduziu um livro de Raymond Sebond e trabalhou nas dedicatórias do livro de La Boétie e na carta onde narrou a morte do amigo. Escreveu sobre as mulheres, sobre suas amantes, e, em 1565, casou-se, por indicação da família. Para ele, o casamento ideal seria um encontro de mentes e não só de corpos, difícil, então, pela carência de capacidade intelectual das mulheres. No entanto, lembra a autora, Montaigne vai se referir a sua mulher, com frequência, de forma positiva. Embora tivessem tido muitos filhos, apenas uma filha sobreviveu. A família vivia no seu castelo, também com a mãe do escritor, mas cada um tinha suas acomodações separadas nele, e sempre com muita gente por perto – criados, empregados, convidados. Bakewell acredita que o afastamento em relação à família “nos fundos da loja”, isto é, em sua torre, era uma necessidade de proteção contra a dor que seria causada por sua perda. No entanto, em algumas passagens de *Os Ensaios* ele passa uma encantadora visão sua em família, participando de brincadeiras e de jogos com a mulher e a filha.

Ademais, Montaigne sempre adorou se misturar e entregar-se à conversação, o que foi bom para ele em suas relações com os colegas em Bordeaux e, mais tarde, com os diplomatas, reis e temíveis guerreiros que precisou seduzir. Sua propriedade era uma movimentada encruzilhada, atravessada por quantidade de gente indo em todas as direções, pois Montaigne, que tinha aversão pela brutalidade e crueldade da época, ao contrário do que faziam no interior da França, não punha tranca em seus portões por estar decidido a resistir à intimidação de ladrões e assassinos, e não querer tornar-se seu próprio carcereiro.

Ao décimo capítulo, Bakewell intitulou “Desperte do sono do hábito”, porque, para Montaigne, este torna tudo insípido, induz ao sono, e adotar uma perspectiva diferente é uma maneira de despertar de novo. Montaigne gostava desse truque e o utilizava sempre. Gostava muito de percorrer listas de costumes completamente diferentes de todas as partes do mundo, maravilhando-se com seu caráter estranho e aleatório. Seu interesse por isso nasceu ao observar índios tupinambás espantados com os franceses em Rouen, e como tantos em sua geração, Montaigne sentia verdadeiro fascínio por tudo que dissesse respeito às Américas, e descrevia suas atrocidades assinalando que pareciam excessivas sobretudo porque os europeus não as conheciam. Os povos americanos constituíam um espelho ideal no qual Montaigne e seus compatriotas podiam “reconhecer-se de um ângulo adequado”, despertando de seu sonho presunçoso. Foram os leitores do século XVIII que se interessaram pelos seus selvagens e espelhos, despertados por uma edição de 1724 de um exilado protestante, Pierre Coste, contrabandeada da Inglaterra. Coste contribuiu para criar uma versão de Montaigne até hoje disseminada: um radical secreto, que se encobre sob um véu de discrição. Denis Diderot estava entre os escritores que fizeram de *Os Ensaíos* a fonte de suas ideias; Rousseau difere dele pelo fato de que o quinhentista não está preocupado em mostrar que a civilização moderna é corrompida, mas que todas as perspectivas humanas sobre o mundo são corrompidas e parciais por natureza. Além disso, Rousseau escreve suas *Confissões* por se considerar excepcional em genialidade ou mesmo na perversidade, e era preciso divulgá-las para o mundo. Montaigne, ao contrário, se via como um homem perfeitamente comum sob todos os aspectos, exceto pelo hábito de anotar as coisas. Os leitores setecentistas que o seguiam em sua admiração pelos tupinambás e pela Natureza evoluíram para o romantismo e, aponta Bakewell, Montaigne nunca mais seria o mesmo após os românticos se apropriarem dele.

Nos três próximos capítulos, Bakewell colocará três respostas breves: “Viva com temperança”, “Preserve sua humanidade”, “Faça algo que ninguém nunca

tenha feito”. Ela conta que os românticos, como George Sand e Lamartine, ficaram obcecados pela história de Montaigne e La Boétie, iniciando uma peregrinação a sua torre. Bakewell lembra que eles fantasiavam a seu respeito, pois esqueciam que ele fazia o elogio da moderação e do equilíbrio, pondo em dúvida o valor dos excessos poéticos, indo de encontro até a sua própria época. Na verdade, Michel achava a verdadeira grandeza na mediocridade, isto é, no fato de que se é igual a todos e que se carrega a forma da condição humana em sua totalidade. Por isso, também, seu lado estoico levou-o a minimizar num grau surpreendente em seus escritos a importância das guerras civis em que a França estava mergulhada. Lembrava aos contemporâneos a lição dos estoicos, evitando ser tragado por situações difíceis, imaginando seu mundo de diferentes ângulos e escalas de significado. E nisso, diziam, foi um herói que resistiu ao heroísmo, admirado por buscar preservar a normalidade em circunstâncias extraordinárias, recusando-se a negociar sua independência.

Ao longo da década de 1570, Montaigne retrabalhou seus primeiros ensaios, publicando-os em 1580, uma versão bastante diferente da que se conhece hoje, lembra Bakewell, mas com sua personalidade inquieta e questionadora, explorando idiossincrasias do comportamento humano. Quebrava um tabu ao registrar-se a si mesmo em um livro, escrevendo sobre suas observações cotidianas e sua vida interior, o que viria a ser apreciado e abraçado no Romantismo.

No capítulo quatorze, “Conheça o mundo”, Bakewell fala da longa viagem que fez Montaigne, já célebre, à Suíça, Alemanha e Itália na década de 1580. Para ela, a consagração deve tê-lo feito querer envolver-se com as coisas do mundo, preparando-se, talvez, para uma carreira diplomática. Além disso, como já foi mencionado, sofria de pedras nos rins, e os balneários da Suíça e da Itália já eram famosos para o tratamento da moléstia. Os preparativos e a própria viagem são descritos detalhadamente pela autora, criando um quadro bastante próximo do que deve ter acontecido e que ele descreve em seus ensaios. A viagem durou dezessete meses, porque subitamente ele foi convocado pelos juízes de Bordeaux para ocupar o cargo de prefeito da cidade. Esse não era o desejo de Montaigne, que preferia não assumir essa responsabilidade, nem perder sua liberdade, mas o próprio rei Henrique III o convocou para tanto. No longo capítulo quinze, “Faça um bom trabalho, mas não tão bom assim”, a autora mostra Montaigne em meio a suas atividades políticas, justificando sua eleição com sua moderação e habilidade diplomática, ouvindo todos os lados, pautando-se pelo princípio pirroniano: dar ouvido a todos sem confiar a mente a ninguém, ao mesmo tempo tratando de preservar sua própria integridade. Felizmente, para ele, as

guerras conheceram uma trégua de 1581 a 1585, anos de sua gestão, que não foi questionada por seus contemporâneos, mas o foi pela posteridade, no século XIX, que o condenou por não ter ido a Bordeaux, tomada pela peste, passar o cargo a seu sucessor. Julgamento, diz Bakewell, de um mundo muito diferente, com ideias completamente opostas sobre heroísmo e abnegação.

Os últimos capítulos do belo livro de Bakewell são voltados para a reconstituição da produção de *Os Ensaíos* até a contemporaneidade. No capítulo dezesseis, “Filosofe só por acaso”, ela narra a recepção da obra de Montaigne na Inglaterra; no seguinte, “Refleta sobre tudo; não se arrependa de nada”, ela descreve o método de composição de Michel de Montaigne, que agia por revisitação, elaboração e acréscimo, nunca apagando nada do que escrevera, mas apenas adicionando sempre mais, mesmo sabendo que algumas coisas feitas no passado já não faziam sentido para ele: “Somos todos uma colcha de retalho”, dizia ele. *Os Ensaíos* havia crescido junto com ele. Após o período como prefeito, escreveu e acrescentou muito, vindo a dar nova edição da obra em 1588, em Paris, a qual deixou os leitores perplexos. No capítulo dezoito, “Abra mão do controle”, Bakewell apresenta Marie Le Jars de Gournay, que foi a primeira grande editora e divulgadora de Montaigne, e traça uma rápida história das edições de *Os Ensaíos*. A história de Marie é surpreendente por se situar no século XVI e liga-se à de Montaigne. Escritora, ela orgulhava-se de suas conquistas, pelas quais lutara muito, e via no escritor seu outro eu. Ao conhecê-lo, ele tornou-se pouco a pouco seu pai adotivo, e Bakewell fala de sua fina percepção dos motivos que a faziam incluir a obra de Montaigne entre os clássicos: ela o admirava sobretudo pelo estilo, pela estrutura errante, pela disposição de tudo revelar.

O capítulo dezenove retoma o “Seja comum e imperfeito”, que Bakewell já apontara como traços de Montaigne, e que resume tudo o que ele pensou sobre a humanidade: a experiência de um ser pensante e dotado de sentimentos, que deve levar adiante uma vida comum.

Para concluir, no capítulo vinte, “Deixe a vida responder por si mesma”, a autora aborda a morte de Montaigne, em 13 de setembro de 1592 aos 59 anos de idade, de uma crise de pedra no rim não expelida, que provocou uma infecção e uma inflamação que chegou a fechar-lhe a garganta e provocar uma amigdalite, a qual, pela falta de antibióticos na época, não o deixava falar nem respirar, e o levou ao óbito. Morreu cercado pela mulher, criados e amigos, entre eles Étienne Pasquier e Pierre de Brach, que descreveram depois seus momentos finais. Seu coração ficou na capela do castelo e o corpo, após passar por vários lugares,

foi finalmente colocado no Museu da Aquitânia, em Bordeaux. Ao concluir, Bakewell lembra das considerações que foram tecidas por ocasião da morte de La Boétie e observa que, apesar do esforço desesperado para respirar, Montaigne devia estar consciente do que se passava e, quem sabe, enquanto isso, sua alma flutuava no prazer.

Este é um livro surpreendente em vários sentidos. Sarah Bakewell teve o cuidado de apresentar um grande autor não de maneira extática, dentro de seu século, mas em suas relações constantes com os autores clássicos que o antecederam, e com todos os outros que o seguiram, nos quais deixou suas marcas, ganhando deles, ao mesmo tempo, novas feições, à medida que os séculos avançavam. Ao fazê-lo, tornou evidente a atualidade de *Os Ensaíos*, do pensamento de Montaigne e de suas posições diante da vida. Sua maneira de abordar a obra desse autor para destacá-lo em seu cotidiano e em relação com os fatos históricos de que participou, extraindo deles as respostas que deu às questões que se colocava, faz da autora uma biógrafa e uma historiadora que adota procedimentos alternados, ora sincrônicos, ora diacrônicos, maneira de tratar seu assunto que permanece próxima daquela que utilizou Montaigne, ao rever, acrescentar, contradizer ideias num processo acumulativo que segue de perto a aquisição de conhecimento e a formação da personalidade humana.

